



JESUITAS BRASIL

Redes Warao

Comunidade Warao a Janoko do município Cantá, Estado de Roraima



Warao a taraia aisia dibuki. A wajabara yatukamo a besona yata!
Coleção de Documentos sobre Itinerários Indígenas Migrantes

Federação Internacional de Fé e Alegria
Ecologia Integral e Iniciativa Federativa Pan-Amazônica

Projeto:

“Amazônia. Cuidado da casa comum: Conscientização, educação intercultural, educação bilíngue e cuidado da natureza nos centros Fé e Alegria”.

Fundação Fé e Alegria do Brasil
Movimento de Educação Popular Integral e Promoção Social

Director Nacional
Antônio Tabosa

Coordenador da Unidade Fé e Alegria Roraima
José Romero

Técnico de execução de projeto
Marielys Briceño

Organizadores:
Marielys Briceño
Maxim Repetto
Márcia de Oliveira

Textos
Aportes dos participantes das
oficinas de elaboração do Calendário
Socionatural e de rede

Tradução
Alida Gómez
Deirys Ramos Blanco

Edição e Diagramação
Norah Gamboa Vela

Imagens
Marielys Briceño

Ilustrações
Ricardo Muñoz

Colaboradores-participantes:
Grupo de indígenas Warao da
comunidade Warao a Janoko no
município Cantá, Estado Roraima,
Brasil.

Fé e Alegria do Brasil

#SomosFéAlegriaBrasil

Avenida Paulista, 2300 – piso 17. CEP 01310-300 | Bella Vista – São Paulo/SP
+55 11 3956-6400. fundacao@fealegria.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)

F981 Fundação Fé e Alegria do Brasil.

Cartilha de redes Warao : comunidade “Warao a Janoko” do município Cantá, Estado de Roraima / Organizadores : Marielys Briceño; Maxim Repetto; Márcia de Oliveira . – Boa Vista, RR 2022.

12 p : il. (Coleção : Itinerários Indígenas Migrantes).

Conteúdo : possui material complementar avulso intitulado : Redes Warao em forma de Calendário.

1 - Indígenas. 2 - Etnologia. 3 – Redes para dormir. 4 – Cantá, RR. I - Título. II - Briceño, Marielys. III - Repetto, Maxim. IV - Oliveira, Márcia de. (Organizadores).

CDU – 397(811.4)

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária/Documentalista: Marcilene Feio Lima – CRB11/507-AM

Coleção de Documentos sobre Itinerários Indígenas Migrante

Dibu a wajabara

Karata eku jabatae yaota waraotuma a nona isia naminakitane are narukitane , ja isia witu. Janokoina Warao a Janoko a inamina.

Tamaja sitabatuma yatu emite waraotuma obonobu isia abane orikua-re yaota ebe idamotuma a obonobu eku jese naruyaja dianaka tamiaro ainaminatuma a Janokoina eku uba-ya kore wirinoko a naba eku jobaji Benezuela.

Tamaja yaota a obonobu kotai waraotuma a narunoko isia naminane jakitane, karata nonane waraotuma a mojo eku abakitane Janokoina Warao a Janoko Município Canta Estado Roraima Brasil eku a ubamo. Tane Karata nonane nobeana sanetakitane tatuma a namina abaiaja a narunoko isia a Jobaji weba rone, a inaminatuma dianaka are yaotane narukitane

APRESENTAÇÃO

Esta cartilha corresponde ao conjunto de atividades e tarefas relacionadas a confecção de redes pelos integrantes da comunidade Warao Janoko

As imagens captadas e exibidas em cada desenho, estão dispostas com o passo a passo, o qual nos aproxima da encenação do trabalho coletivo que os integrantes da comunidade Warao Janoko realizavam em suas comunidades de origem, integrando atividades sociais (cultura) e naturais, nos territórios do Delta del Orinoco no estado Delta Amacuro, na Venezuela. Nessa atividade socio-natural, os membros da comunidade lembram como comumente se integra família e comunidade desde o momento da tomada de decisão de fazer a rede até o momento de pendurá-la.

Este material faz parte de uma Coleção de Documentos sobre Itinerários Indígenas Migrantes, produzido colaborativamente para ser entregue aos participantes, indígenas Warao que atualmente moram na comunidade Warao a Janoko, localizada no município Cantá, Estado de Roraima, Brasil, como um aporte na documentação dos processos de aprendizagem em seus itinerários de deslocamento, longe dos seus espaços socio naturais nos territórios ancestrais, para a promoção de suas políticas de enraizamento cultural e autonomia, assim como para a multiplicação e democratização da memória coletiva.

Boa Vista - Roraima, junho de 2022.

HISTÓRIA DO GRUPO DE INDÍGENAS WARAO DO BAIXO DELTA

Nossa comunidade 'Warao a Janoko que em português significa "Casa dos Warao", está localizada no município de Cantá e foi fundada em maio de 2021. É uma experiência pioneira em termos de soluções duradouras e integração dos indígenas venezuelanos no Brasil. É formada por indígenas do Delta Amacuro e três famílias de indígenas Kariña, do estado de Anzoátegui. O antecedente da formação de nossa comunidade foi a experiência de ter vivido juntos na ocupação espontânea de Ka Ubanoko.

Ka Ubanoko foi uma ocupação no bairro Jockey Club da Cidade de Boa Vista, formada espontaneamente dentro de uma propriedade pública abandonada chamada "Clube dos Servidores", em que uma pluralidade de línguas, culturas e saberes, tanto indígenas (Warao, E'ñepá, Kariña e Pemón) como não indígenas de diferentes regiões da Venezuela.

Para a constituição dessa comunidade, contou-se com o esforço de seus habitantes e o apoio de organizações da sociedade civil. A experiência de organização comunitária desenvolvida em Ka Ubanoko, combinando a organização tradicional através do Conselho de Anciãos com a organização comunitária, permitiu configurar novas territorialidades de resistência a um modelo de acolhimento com forte base de reafirmação identitária, pois costumávamos nos identificar como uma "comunidade multicultural e multilíngue de migrantes venezuelanos" com forte convicção de nossas capacidades de autogestão.

Ka Ubanoko deixou de existir em janeiro de 2021 devido a desocupação e realocação dos indígenas no Abrigo Jardim Floresta, porém, este processo conta hoje a história da nossa resistência por mais de 3 meses, a história de Warao Janoko. Fruto dessa escola, com a luta das famílias que a compõem e o apoio da sociedade civil, caminhamos em função de um destino melhor e uma melhor forma de estar em convivência com os espaços naturais, nos territórios de acolhimento.

"Nosso desafio é consolidar nossa organização e avançar com passo firme em direção à autogestão, baseada em nossas potencialidades, com autonomia e independência".

Comunidade Warao a Janoko

ELABORAÇÃO DE REDE WARAO

Nós, os indígenas Warao, temos redes para dormir e para nos mantermos aquecidos, essas redes nos acompanham durante nossas viagens. As redes nos caracterizam como indígenas Warao, fazem parte de nossa identidade cultural como homens e mulheres da água, acostumados a viver em espaços banhados pelas águas do rio Orinoco, em cujos territórios se desenvolve uma ampla e diversa vegetação; entre ela, nossa preciosa palmeira de buriti, que chamamos de “palmeira da vida”, com a qual fazemos nossas redes.

Em nossas comunidades, os Warao estamos acostumados a viver em grupos familiares extensos e realizamos nosso trabalho coletivamente, de acordo com os recursos naturais que a natureza nos oferece. Assim, por exemplo, quando um de nossa comunidade tinha sua



Figura 1. Desenho Ricardo Muñoz

rede velha, os parentes mais próximos iam até os canais com suas canoas (curiaras), cortavam as copas das palmeiras de buriti, conhecido como cogollos da palmeira de buruti, e traziam para a comunidade; depois outros membros ajudavam na elaboração da rede.

Era nosso costume trocar a rede apenas quando precisávamos, por exemplo, quando íamos construir nossas casas ou quando a que usávamos já era velha. Desta forma, contamos apenas as quantidades das copas das palmeiras necessárias para que outros pudessem também fazer suas redes, sem desequilibrar nossos biomas amazônicos.

Agora vamos mostrar o passo a passo das atividades que realizamos para trançar as redes na comunidade Warao a Janoko, no município Cantá, estado de Roraima nos dias 20 e 23 de novembro de 2021.

Regra: as copas das palmeiras de buriti, ou cogollos, são cortados em uma noite escura com lua nova, para que a fibra de buriti não se rompa quando os "jaus" estiverem sendo feitos. Então os membros da família saem em suas canoas (curiaras) a cada lua nova para fazer um passeio pelos canais das ilhas. Dizemos "vamos sair" e, se estiver escuro à noite, cortamos os cogollos.

Passo 1. Corte das copas das palmeiras de buriti (*moriche*).



Algumas famílias também costumavam plantar muito buriti entre outros produtos da roça, como *ocumo*, inhame e milho; quando a roça parava de produzir então nós a abandonávamos e íamos construir outra. Depois de

5 anos, podíamos voltar à roça e colher a fibra de *moriche* para fazer nossas redes, cestos e outros artesanatos.

Ao escolher as copas das palmeiras de buriti, preferimos as palmeiras adultas, porque nos darão fibras longas de *moriche* para economizar tempo e esforço, pois quando as fibras são pequenas temos que fazer mais adições. Quando estão muito altos, cortamos a palmeira para retirar o amido (*yuruma*) e deixamos lá por três meses, que é o tempo que voltamos para coletar os vermes (*ojidus*).

Antes de cortar ditas copas, primeiro decidimos a medida que ela vai ter, depois calculamos o número que teríamos que cortar. Uma rede para adultos mede uma braça e meia (3,30mts), e para trançar uma rede dessa medida precisamos de 40 copas de palmeiras adultas.

Exercício matemático: Joici é uma menina de 10 anos, mede 1,50mts, pesa 54 kg e é muito inquieta, gosta de brincar na rede, apesar da mãe lhe dizer que as redes são para dormir, não para brincar. Ela estava brincando quando sua rede rompeu, então ela pediu à avó para ajudá-la a trançar uma nova rede antes que sua mãe voltasse da sua viagem.

Perguntas:

1. De acordo com a altura da Joici, qual será a medida da rede que sua avó vai trançar? Expresse em unidade de braça equivalente à 2,20mts.
2. Quantas copas de palmeiras de buriti adulta devem ser cortadas para fazer uma rede da contextura do corpo da Joice, de acordo com os cálculos realizados?



Passo 2:

Uma vez de volta à comunidade,
As mulheres começam a retirar a fibra fina de buriti, folha por folha,
com a ajuda das mãos, pernas e pés.



As fibras são fervidas e depois esticadas em uma corda para secar ao sol por 2 dias. Podemos ter dois tons de fibra em sua cor natural. A tonalidade vai depender do tempo de cozimento e do uso do limão.

Fibra de buriti + limão	10 minutos	→	Tonalidade clara
Fibra de buriti	05 minutos	→	Tonalidade escura

Se queremos dar cor às fibras de buriti temos dois processos diferentes, um antigo e outro mais recente. No processo antigo utilizamos alguns materiais naturais como raízes de manguê, sementes de urucum, barro ou frutos de murici. A cinza é geralmente adicionada como fixador da cor. Hoje em dia usamos viky-viky, um corante inorgânico com a sal para fixar a cor.

O tingimento é um procedimento físico-químico com o qual alteramos a cor do tecido (substrato). Para tingir a fibra de buriti precisamos de corantes, ou seja, aqueles materiais orgânicos ou inorgânicos capazes de se dissolver fisicamente e reagir quimicamente com a fibra, produzindo uma mudança de cor permanente através do que se chama de reação química.

Materiais: Panela grande, água fervente, corante, fibra e fixador de cor (cinza ou pitada de sal).

- a. **Pré-tratamento:** hidratamos a fibra com água;
- b. **Absorção:** submergimos a fibra em água fervente com o material que usamos como corante (natural ou artificial);
- c. **Reação:** início da mudança de cor (reação química) usando calor e fixadores de cor, como sal ou cinza. Deixe ferver entre 5 e 10 minutos;
- d. **Sabão:** o tecido é lavado com água, espalhado e deixado secar ao sol.

Tipo de corante	Fixador de color	Coloração obtida
Manguezal		marrão ou vinho tinto
Semente de urucum	cinza	vermelho alaranjado
Barro	cinza	castanho claro
Fruta de Murici	cinza	fúcsia (tipo de rosa)
Viky-Viky	sal	dependendo da cor do viky-viky



Passo 3: Trançar

1. Elaboração da Ecova ai: A Ecova ai é uma trança simples de três mechas feita com a mesma fibra de buriti. Para uma Ecova grande, uma Ecova ai de dois palmos é trançada, para uma Ecova média, um palmo de Ecova ai é trançado.

2. Preparação da Ecova (moña): A Ecova é o que parece um esfregão.



Este é trançado com base na Ecova ai e tem como objetivo facilitar o trançado da rede, pois é este esfregão (moño) que passa pela brecha de cada trança, como vemos na fotografia a seguir.

Ecova (com ecova ai).

Em nossos contextos de mobilidade, longe de nossos territórios do Delta Amacuro e como forma de geração de renda, utilizamos material sintético, pois o custo de produção de redes para venda exige muitas folhas de buriti, com o que estaríamos afetando nossos biomas.



Ecova ai passando pela brecha.

3. Elaboração do quadro da moldura: corta-se as varas fortes para fazer o quadro do tear da medida que queremos a rede.

4. Trançado do corpo da rede: Estique a primeira linha de fibra da esquerda para a direita e comece a trançar passando a Ecova por cada brecha. Continua da esquerda para a direita até o final.



Trançado de direita para esquerda

As cordas de suporte "Jaus" são o suporte que une o corpo da rede com o punho que, por sua vez, é o elemento em formato de aros que está localizado na extremidade da rede com a qual se fixa ao suporte.



Cordas de suporte "Jaus"



Para elaborar o Jaus se requer a passagem da corda entre às brechas da rede que ficam soltas ao desfazer a moldura, conforme indicado na figura.

Um jaus abrange 10 brechas do corpo da rede. Cada Jaus feito na oficina media 80 cm (ida e volta).

Para que fique equilibrado, a rede se estica de um lado para o outro, e o artesão mede a porcentagem a olho nu.

A elaboração do Jaus.



RECMI NOTE 9
AI QUAD CAMERA

Esta cartilha é um produto do Projeto “Amazônia. Cuidado da casa comum: conscientização, educação intercultural, educação bilíngue e cuidado da natureza nos centros Fé e Alegria”, que faz parte da Iniciativa Ecologia Integral e Pan-Amazônica da Federação Internacional Fé e Alegria. Contou com a cooperação do Programa Laboratórios Socionaturais Vivos e do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Fronteiras: Processos Sociais e Simbólicos (GEIFRON), da Universidade Federal de Roraima, e apoio do ALBOAN e da RED XAVIER.



Fé e Alegria
BRASIL



JESUÍTAS BRASIL



Fundação
Carlos Chagas

LABORATÓRIOS SOCIONATURAIS VIVOS

Edital de Pesquisa
Anos Finais do Ensino Fundamental
Núcleo de Qualificação e Esclarecimento Técnico-Pedagógico



Grupo de Estudo Interdisciplinar sobre Fronteiras



ALBOAN



xavier



Serviço Jesuíta
Panamazônico
SJPAM - CPAL